

Imagens de festas do catolicismo popular: Lagolândia e Capela do Rio do Peixe

João Guilherme da Trindade Curado – *IESA/UFG*
Tereza Caroline Lôbo – *IESA/UFG*

As festas do catolicismo popular que ocorrem no interior de Goiás, com enfoque espacial para o município de Pirenópolis, onde serão destacadas as comemorações ao Divino Pai Eterno que acontece em Lagolândia e à Nossa Senhora Santana na vizinha Capela do Rio do Peixe, produzem paisagens singulares. Essas paisagens possibilitam uma compreensão dos processos interpretativos que ocorrem principalmente pelas imagens que se produzem sobre essas festas, para tanto é que se propõem análises destas festividades mediante as significações e interpretações destas imagens.

Palavras-chave

Festas, Imagens, Paisagens.

Festival Images of Popular Catholicism Lagolândia and Capela do Rio do Peixe

The Catholicism festival images that occur in the countryside of Goiás, with spatial focus for Pirenópolis city, where are prominent the Divino Pai Eterno celebration which happens in Lagolândia and in Nossa Senhora Santana neighboring Capela do Rio do Peixe which produce singular landscape. These landscapes give the possibility for interpretative comprehension procedures mainly by the images that are produced in these festivals, for that is proposed analyses of those festivities by the significations and interpretations of these images.

Key-words

Festivals, Images, Landscapes

Várias são as experiências estéticas que se tem ao abordar uma localidade que não a habitada por nós, pois a paisagem diária foge às nossas observações mais triviais e só percebemos alterações quando estas são um pouco mais radicais que pequenas intervenções necessárias ao dia a dia do nosso contexto. As mais significativas variáveis advêm de alterações de cores, de novas presenças de instrumentos urbanos ou mais recentemente mudanças produzidas pela publicidade que mesmo ao tentar ser discreta acaba por interferir de maneira, às vezes, brutal no cotidiano em que estamos inseridos.

Caminhar em direção ao interior pode parecer apenas uma busca do idílico, mas intenta-se também nesta caminhada a procura de paisagens que já se afastaram de nossas vidas ou que parecem pertencer a um passado não muito

distante, mas impossível de ser recuperado na dinâmica que a vida atual nos impõe. Principalmente em Goiás tal objetivo não se parece inalcançável, uma vez que os grandes centros são poucos e por serem ainda circunvizinhados por pequenas e médias cidades, que guardam suas características interioranas veiculando-as na mídia durante os momentos festivos.

Por outro lado, concordamos com Thompson quando ao lembrar que “a mídia não se preocupa apenas em descrever o mundo social que poderia, como pôde, continuar o mesmo sem ela. A mídia se envolve ativamente na construção do mundo social” (1998, p. 106). Continua apontando que “ao levar as imagens e as informações para indivíduos situados nos mais distantes contextos, a mídia modela e influencia o curso dos acontecimentos, cria acontecimentos que poderiam não ter existido em sua ausência” (THOMPSON, 1998, p. 106).

Partindo desta observação seguimos a análise de festas do interior goiano, mas especificamente de Pirenópolis onde a Festa do Divino Espírito Santo é o símbolo maior. Outras festas que ocorrem neste município serão abordadas por meio de processos de mediação das imagens fotográficas que contribuem para a divulgação, manutenção e significativas alterações no conjunto festivo. Enfim, a interpretação das festas terá por foco a imagem fotográfica.

Pirenópolis

Pirenópolis, nascida Meia Ponte nas primeiras décadas do século XVIII sempre teve uma posição peculiar dentre as demais cidades goianas da qual é contemporânea. Foi de relativa importância na produção do ouro, mas sobreviveu ao processo de ruralização quando é alocada a entreposto comercial e “berço da cultura” goiana por ocasião da publicação do primeiro jornal do Centro Oeste – Matutina Meiapontense.

O curioso é que este jornal de circulação não só na velha Meia Ponte, mas também por todo Goiás, Mato Grosso e Rio de Janeiro não publicou artigos relacionados às festas que ocorriam na cidade em que foi editado, e tais festas já eram de largo conhecimento, uma vez que o genro do proprietário do Jornal teria sido o primeiro Imperador do Divino durante os festejos realizados em Pirenópolis, no ano de 1819 – segundo consta nos arquivos mais antigos encontrados até o presente momento.

Tanto as procissões da Semana Santa como a Festa do Divino, a festa da padroeira Nossa Senhora do Rosário e demais festividades do calendário litúrgico católico eram celebradas com pompa por uma comunidade que isolada nas lidas das fazendas pouco vinha à *rua* – estes momentos eram reservados às missas dominicais como atestou Saint-Hilaire (1978) na descrição dos hábitos meiapontenses quanto aos instantes festivos.

A tradição de interpretações festivas expande-se para toda a área rural de Pirenópolis, onde as significações das religiosidades populares se materializam nas festividades promovidas pelas próprias comunidades, uma vez que a Igreja pouco interesse teve ou tem em organizar tais celebrações. Daí a exuberância dos aspectos visuais advindos destes momentos, onde o destacar é premissa básica, e por isso os festeiros – os responsáveis pela organização geral das festas – se esmeram em promover os eventos e os rituais festivos de maneira que *fique na memória* da comunidade a qual pertence como marco referencial daquela festa.

Geralmente as festas acontecem em homenagem aos santos padroeiros das localidades ou a um outro de maior devoção da comunidade. Aqui, especificamente serão analisadas as festas em devoção ao Divino Pai Eterno que ocorre no segundo domingo de julho em Lagolândia e a Festa de Nossa Senhora Santana que acontece na Capela do Rio do Peixe na segunda quinzena deste mesmo mês, com enfoque para a cultura visual produzida nestas festas.

A opção pelo estudo das festas e conseqüentemente das imagens que delas advém parte do entendimento de que

por meio das festas, podemos conhecer a História de uma maneira diferente, muitas vezes não contada, o que dá a ilusão de um acontecimento ausente ou desconhecido. Contudo, muitas vezes eles serviram de ponto de análise do comportamento, da mentalidade e da sociedade de uma determinada época (DEUS, SILVA, 2003, p. 70).

Partindo da premissa de que poucas eram as oportunidades de socialização - e ainda hoje o são em determinados lugares – as festas são grandes oportunidades de ver e ser visto daí a presença constante de fotógrafos, anteriormente denominados de retratistas que com estúdios móveis registravam as famílias com *roupas de ver Deus*. Estas fotografias eram guardadas com todo

o zelo possível, mas na maioria dos casos de maneira que não colaboravam com a preservação do papel fotográfico (nem sempre de boa qualidade), daí os poucos exemplares dispersos nos baús das famílias goianas.

Atualmente, devido aos avanços tecnológicos e a popularização dos equipamentos fotográficos digitais a situação se mostra adversa ao que ocorria no passado. Em cada lugar onde as festas ocorrem uma quantidade significativa de máquinas são direcionadas para os mais diversos ângulos, o que propicia registros com intuitos diferenciados. Deste modo há concordância de que

assim as histórias passaram a ser construídas através de olhares diferenciados, sem que nelas estejam presentes verdades únicas. Um mesmo assunto pode ser abordado a partir de vários ângulos, contribuindo, com isto, para uma visão ampla do mundo, bem como a formação intelectual democratizante (WANNER, 2008, p. 122).

As festas do catolicismo popular por si só já são democráticas por possibilitar a inserção de todos os interessados, mesmo que gerando ou solucionando conflitos, mas a presença de pessoas que registram fotograficamente estas manifestações torna evidentes as variáveis relativas à inserção do fotógrafo na comunidade, a compreensão que ele tem da festa e principalmente o interesse em capturar as imagens que registre os momentos da festa.

Interpretando fotografias

A investigação das imagens fotográficas das festas tem por diretriz as paisagens em que estão inseridas e as fotografias que delas são tiradas é que passamos a analisar como pressuposto de interpretação cultural das comunidades da Capela e de Lagolândia.

No entanto é preciso, primeiramente, ressaltar a importância que tem as imagens no contexto cultural atualmente. De acordo com Cardoso e Mauad

uma cultura, ao definir seus objetos, remete a códigos de reconhecimento que indicam traços pertinentes e caracterizantes do conteúdo. Um código de representação icônica estabelece quais os artifícios gráficos que correspondem aos traços do conteúdo, ou mais exatamente aos elementos pertinentes fixados (selecionados) pelos códigos de reconhecimento (1997, p. 404).

Assim sendo, as festas possuem algumas características que lhes são ímpares, mesmo que comemoradas em diversos outros lugares. O diferencial pode ser encontrado, percebido ou vislumbrado mediante a paisagem. Nesta direção Claval aponta para que “se as paisagens não são realidades objetivas, seu papel na vida dos grupos humanos é mais complexo do que geralmente se pensa. Elas desempenham o papel de suporte de mensagens e de símbolos” (2001, p. 58), sendo que estes se tornam mais presentes na paisagem em momentos festivos.

Por ser as ocasiões de festas os instantes mais registrados por meio de imagens fotográficas, as pequenas comunidades passam a ser reconhecidas neste contexto. Mas é preciso ir além na investigação cultural por intermédio da imagem, uma vez que sabemos que “a fotografia lança um grande desafio: como chegar àquilo que não foi revelado pelo olhar fotográfico” (CARDOSO, MAUAD, 1997, p. 405).

Partindo desta inquirição é preciso estabelecer mecanismos de compreensão do ato de produção e veiculação das imagens fotográficas sobre as festas do catolicismo popular. Por exemplo, faz-se necessário considerar acima de tudo que “os discursos audiovisuais são mais complexos do que deixam entrever as histórias encenadas neles” (ROSSINI, BALDISSERA, 2008, p. 68).

As possibilidades de se ler ou investigar uma imagem fotográfica de festa popular são infinitas, uma vez que o fotógrafo não possui ou não consegue ter o controle sobre todos os personagens que transitam pela paisagem em que a festa de desenrola. Portanto, sempre terá um elemento surpresa ao próprio autor da imagem fotográfica que por não conseguir congelar a cena e/ou dirigir todos os partícipes, vê em seu produto algo que lhe fugiu à observação. Deste modo é possível considerar que

a fotografia revela nesse material os aspectos fisionômicos, mundos de imagens habitando as coisas mais minúsculas, suficientemente ocultas e significativas para encontrarem um refúgio nos sonhos diurnos, e que agora, tornando-se grandes e formuláveis, mostram que a diferença entre a técnica e a magia é uma verdadeira totalmente histórica (BENJAMIN, 1994, p. 94-5).

Seguindo esta observação pode-se constatar que outrora a chegada das fotos após vários dias do término da festa era uma outra comemoração, pois todos queriam ver o que se registrara no papel. Recentemente essa magia não é tão intensa uma vez que as máquinas digitais possibilitam o acesso imediato ao que fora capturado segundos antes, ainda durante a festa e alterado se necessário. Portanto “tem-se que o armazenamento virtual contém em si inúmeros devires, constituindo um nó de tendências ou de forças que acompanham uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer” (JOHAS, 2005, p. 37).

Festa do Divino Pai Eterno em Lagolândia

Comemorar a festa do Divino Pai Eterno em Lagolândia é uma tradição que remonta o início do século passado e vem demonstrar a fé da comunidade junto à Santíssima Trindade. A festa em si reúne outros festejos, como os reinados a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito – prática comum no catolicismo popular que aglutina celebrações em torno de uma festa tida como *maior*.

Em Lagolândia a homenagem ao Pai Eterno acontece no segundo domingo, pois no início do mês a comunidade frequenta a festa de Trindade e grande parte dos antigos habitantes do local ainda não estão em período de férias. Sendo assim, é possível identificar esta festa como uma possibilidade de pessoas que não habitam mais Lagolândia retornarem, e é nesta volta que se intensifica a necessidade de se registrar as alterações que aconteceram nos períodos de ausência, daí a prática constante de fotografar não só a festa, mas tudo o que é possível registrar e que na memória já estava sem referenciais. Entre a população mais jovem a prática fotográfica possui, também, a função de delimitar espaços, criar afinidades com a paisagem que se vê e construir as identidades com o momento.

A festa em todo seu conjunto possibilita uma panorâmica no modo de vida local diante da paisagem em que habitam, pois mostra as dinâmicas que são implantadas em geral e em particular, como pode ser observada na imagem fotográfica abaixo, quando algumas pessoas passam a ser também personagens rituais.



Festa do Divino Pai Eterno - 2008

O fotógrafo ao escolher o enquadramento da festa, faz a opção de relegar tantas outras quanto forem possíveis perspectivas, valoriza algo em função dos interesses daquele instante e que podem não corresponder à representação que se tem ou que se busca da festa como um todo, assim o fotógrafo caracteriza-se na figura do

enunciador [e] define-se como o destinador-manipulador responsável pelos valores do discurso e capaz de levar o enunciatário a crer e a fazer. A manipulação do enunciador exerce-se como um fazer persuasivo, enquanto ao enunciatário cabe o fazer interpretativo (BARROS, 1990, p. 62).

Faz-se necessário lembrar que as interpretações são diversas e às vezes diferentes para cada pessoa presente à festa, mas é o ponto comum ou convergente entre elas que possibilita a fixação da significação que a festa representa para a comunidade e é esta significação que se perpetua.

A título de exemplo, podem ser mencionados os diferentes espaços que membros daquela comunidade ocupam na paisagem durante o cortejo. Pela imagem fotográfica digital é possível verificar não só o espaço como o tempo em que os personagens estão inseridos, assim como os elementos acoplados à paisagem em função da festa, como brinquedos infantis e barracas diversas vistos ao fundo e presentes na maioria das demais festividades Brasil afora.

Enfim, “a partir de imagens produzidas ou captadas *in loco*, podemos experimentar de modo mais ou menos realístico algo que se passa em outro espaço-tempo” (ROSSINI, BALDISSERA, 2008, p. 66). Nesta festa, especificamente, isso se torna possível, uma vez que há uma necessidade de se reafirmar a importância dos anjos para a comunidade, o que é observado pelas crianças presentes dentro do espaço delimitado aos principais personagens da festa.

Ainda dentro deste quadro que separa a comunidade é que todas as gerações se fazem representadas, desde os mais idosos até uma criança de colo, o que denota a circularidade não só do caminho percorrido pela paisagem, mas da tradição festiva.

Há concordância com a afirmativa de que “a imagem fotográfica compreendida como documento revela aspectos da vida material de um determinado tempo do passado de que a mais detalhada descrição verbal não daria conta” (CARDOSO, MAUAD, 1997, p. 406). Ao mesmo tempo há a necessidade de se analisar a experiência estética proposta pelo fotógrafo. Portanto outra observação aqui pertinente sobre a imagem fotográfica da Festa do Divino Pai Eterno é que houve um recorte que beneficiou a arquitetura de Lagolândia em detrimento da comunidade presente à festa, uma vez que atrás do espaço reservado aos personagens se vê a banda e a curvatura que possibilitaria ver o público participe foi preterido em detrimento da paisagem construída.

O contexto cultural da festa pode gerar uma extensa interpretação devido às significações existentes em cena. As sombras, as cores, as posturas, os objetos rituais presentes na imagem fotográfica retratam aspectos da experiência festiva e que são passíveis de análises múltiplas por participantes ou por pessoas que nem mesmo conhecem a festa, uma vez que “o ato de leitura de uma foto está comumente associado a uma atitude de reconhecimento figurativo das coisas do mundo, dependendo de atividades sensórias de ordem visual” (CAETANO, 2005, p. 207).

Festa de Santana na Capela do Rio do Peixe

O pequeno arraial da Capela do Rio do Peixe, distante 36 km da cidade de Pirenópolis, surgiu no período das bandeiras mineradoras que desbravaram os sertões goianos “em 1746, informado o guarda-mor Clemente Simões da Cunha de que, nas imediações do Rio do Peixe, haviam sido descobertas ricas jazidas de ouro” (JAYME, 1971, p. 84). Daquele período até os dias de hoje poucas foram as alterações na forma do povoado constituído pela pequena capela ao centro, ladeada pelo cemitério e algumas casas, quintais ornados de jabuticabeiras, mangueiras e palmeiras de guariroba e uma mata ciliar densa preservada que compõem a paisagem do lugar.



Festa de Nossa Senhora Santana – 2007

O festejo em louvor a Nossa Senhora Santana ocorre desde o século XVIII, no mês de julho no mencionado povoado, constituindo-se em um fenômeno próprio da comunidade que o vivencia. Este implica num processo que envolve ação e produção de um lugar com caráter dinâmico e multifacetado e possuidor de variedades de sentidos. O festejo se amplia com a romaria a partir das primeiras décadas do século XX envolvendo partícipes que estão inseridos numa rede de relações, “um tecer de histórias em processos” (MASSEY, 2008, p.191) que atravessa as cidades próximas – Jaraguá, Goianésia, Anápolis etc. – e se sobrepõe às outras relações como a de parentesco, compadrio, vizinhança e amizade.

No período dos festejos em louvor à Santana, entre os dias 17 a 26 de julho, há reza de terço, cânticos de hinos, batizados, leilões, fogos, distribuição de comidas na barraca do festeiro e as animadas celebrações nos acampamentos e nos ranchos improvisados como boates. Com efeito, a paisagem sofre alterações significativas, quando as centenas de romeiros que acampam no povoado criam um lugar festivo próprio possibilitando infinitas paisagens passíveis de análise.

Segundo Cosgrove, as paisagens não são formas congeladas “os valores culturais que elas celebram precisam ser ativamente reproduzidos para continuar a ter significado” (2004, p.115), essa recomposição paisagística é acompanhada por processos de identificação que afloram e revigoram, num movimento de encontro e diálogo entre os sujeitos simbólicos que interagem mediatizados pela cultura do festejo.

O homem contemporâneo vive em uma constante nostalgia de um tempo perdido, de um tempo que deve ser recuperado, e a conservação de sinais que trazem à luz esses momentos passados, essas experiências cristalizadas de uma outra época, permite o reviver de sensações que imaginava dispersas (BENEDUZI, 2008, p. 18).

Dessa forma as representações formadas pelo festejo são (re)criadas e (re)significadas ao longo de sua existência produzindo processos de identificação e criando sentimentos de pertença ou o inverso, a não-identificação com o lugar. O mundo da festa é na verdade vários mundos que se contradizem e se complementam.

A festa é tão dinâmica quanto a sociedade que a vivência e essa vitalidade se expressa na pluralidade de memórias vinculadas a sensações e a experiências passadas, sendo regido por uma organização catalisadora das identidades culturais aí constituídas que se mantêm nitidamente balizadas por momentos partilhados e solidários, sendo, portanto, um elemento agregador da comunidade.

Considerações finais

Vivemos em “um tempo impregnado de visualidade” e por isso há um árduo trabalho e “tomar a imagem fotográfica como documento social em termos absolutos envolve as mesmas dificuldades que há quando se toma a palavra falada, o depoimento, a entrevista” (MARTINS, 2008, p. 11). Continua o referido autor lembrando que “a sociedade se move, também, a partir do indizível e do invisível. Resta saber se no verbalizável há indícios do indizível, se na fala há evidências do silêncio. Ou se no visível há indícios do invisível” (MARTINS, 2008, p. 27). As imagens fotográficas das festas são importantes documentos visuais.

Atualmente é comum aceitar a asserção de que “nunca nenhuma outra época da história teve seu cotidiano tão inflacionado por imagens, produzidas com diferentes finalidades” (ROSSINI, BALDISSERA, 2008, p. 66). E estas imagens “nos cercam e nos constituem” (RAHDE, CAUDURO, 2005, p. 196). Por isso a imagem visual, hoje, “é uma unidade de manifestação auto-suficiente, um todo de significação – um texto ou discurso, então suscetível de análise” (CARDOSO, MAUAD, 1997, p. 404).

Pode-se afirmar com base em Benjamin que “a natureza que fala à câmara não é a mesma que fala ao olhar” e que segundo ele “só a fotografia revela esse inconsciente ótico” (BENJAMIN, 1994, p. 94). Assim, as festas de Lagolândia ou da Capela do Rio do Peixe ao serem fotografadas e/ou vivenciadas permitem variadas investigações da experiência estética, da significação e interpretação de

contextos culturais e educativos como já observado em algumas publicações anteriores sobre festas brasileiras¹.

Notas

1 – “Festas Populares Brasileiras” organizado por Claudia Márcia Ferreira em 1987; “Benditos” de Tiago Santana (2000); “Maravilhas do Brasil: festas populares” de Gabriel Boieras, Luciana Cattani e Marcos Antônio Sá (2006) e “O Divino em festa” de Nana Vieira (2008), dentre outros.

Referências Bibliográficas

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 1990. 97p.

BENEDUZI, Luís Fernando. Patrimônio Cultural, Memória e Identidade: uma leitura de sinais sensíveis do passado. In: PESAVENTO, Sandra J. [el.al]. **Sensibilidades e sociabilidades: perspectivas de pesquisa**. Goiânia: Ed. UCG, 2008, p. 19-27.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história cultural**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 253p.

BOIERAS, Gabriel, CATTANI, Luciana, SÁ, Marco Antônio. **Maravilhas do Brasil: festas populares**. São Paulo: Escrituras Editora, 2006. 120p.

CAETANO, Kati Eliana. A aventura fotográfica partilhada. In: **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**. Porto Alegre, vol. VII, nº 3, p. 206-213, set/dez 2005.

CARDOSO, Ciro Flamarion, MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 401-417.

CLAVAL, Paul. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. In: ROSENDAHL, Zeny & CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: ed. UERJ/Nepec, 2001. p. 35-86.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, p. 92-123, 2004.

DEUS, Maria do Socorro, SILVA, Mônica Martins da. **História das festas e religiosidades em Goiás**. Goiânia: Ed. Alternativa, 2003. 74p.

FERREIRA, Claudia Márcia. **Festas Populares**. São Paulo: Prêmio Editorial, 1987. 96p.

JAYME, Jarbas. **Esboço Histórico de Pirenópolis**. Goiânia: UFG, 1971, 2 vol. 626p.

JOHAS, Regina. Um mapa para IMERSIVAS – Reflexões acerca da natureza da imagem digital. In: **Cadernos da Pós-Graduação**. Instituto de Artes/Unicamp: Campinas/SP. Ano 7, vol. 7, nº 1, p. 36-39, 2005.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008. 206p.

MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008, 312p.

RAHDE, Maria Beatriz Furtado, CAUDURO, Flávio Vinicius. Algumas características das imagens contemporâneas. In: **Revista Fronteiras** – estudos midiáticos. Porto Alegre, vol. VII, nº 3, p. 195-205, set/dez 2005.

ROSSINI, Miriam de Souza, BALDISSERA, José Alberto. Imagens Audivisuais: sociabilidades e sensibilidades contemporâneas. In: PESAVENTO, Sandra J. [el.al]. **Sensibilidades e sociabilidades: perspectivas de pesquisa**. Goiânia: Ed. UCG, 2008, p. 63-69.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem à Província de Goiás**. Trad. Regina Régis Junqueira. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/USP, 1975. 156p.

SANTANA, Tiago. **Benditos**. Fortaleza: Tempo d'Imagem/Petrobrás, 2000. 160p.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Trad. Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998. 261p.

VIEIRA, Nana. **O Divino em Festa**: São Luiz do Paraitinga. São Paulo: Terra Virgem, 2008. 144p.

WANNER, Maria Celeste de Almeida. A fotografia e seu processo de hibridização. In: **Revista Porto Arte**. Porto Alegre, vol. 14, nº 24, p. 121-128, maio-2008.

João Guilherme da Trindade Curado é graduado em História. Mestre e doutorando em Geografia pelo IESA/UFG. Pesquisador de Festas do Catolicismo Popular. Participou da equipe de pesquisa do registro da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis como Patrimônio Nacional.

Tereza Caroline Lôbo é graduada em Ciências Sociais. Mestra e doutoranda em Geografia pelo IESA/UFG. Pesquisadora de Festas do Catolicismo Popular. Participou da equipe de pesquisa do registro da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis como Patrimônio Nacional.